



# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria. Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

## Acção Católica VOZ DA IGREJA

### Peregrinação de Fevereiro, 13

Os dias 11 e 12 de Fevereiro último, ante-véspera e véspera da peregrinação mensal ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria, foram ambos caracterizados por uma beleza e amenidade extraordinárias, como raras vezes tem sucedido nesta quadra do ano. O astro-rei brilhou sempre no firmamento, que nem a mais leve nuvem toldava, inundando montes e vales com os seus caudais de luz que penetravam até aos recessos mais escusos da terra.

Dir-se-ia, ao ver os campos matizados de flôres variegadas e ao ouvir as avezinhas a ensaiar os seus alegres gorgeios, que a Primavera tinha antecipado a sua vinda e começava já a estender as suas galas e magnificências deslumbrantes.

Assim, no dia 13, não menos encantador que os dois imediatamente anteriores, a concorrência de fiéis aos actos oficiais comemorativos das aparições e dos fenómenos miraculosos de 1917 foi muito superior à que era de esperar, excedendo a de igual mês em qualquer dos anos precedentes.

O movimento e a animação que se observavam na Cova da Iria desde as primeiras horas da manhã eram impressionantes.

As cerimónias religiosas desenrolaram-se na forma do costume e na melhor ordem, sendo muito de louvar a atitude e a compostura dos peregrinos que edificavam com o seu silêncio, recolhimento e devoção.

Ao meio-dia, junto da capela das aparições, o rev. dr. Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria, rezou o terço do Rosário juntamente com os peregrinos.

Seguiu-se a primeira procissão que, partindo daquele local e percorrendo as avenidas do Santuário, conduziu a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima até ao altar do Pavilhão dos doentes.

Logo depois, o rev. dr. António Antunes Borges, professor e ecónomo do Seminário da mesma Diocese, celebrou a Missa oficial. Na devida altura, fez a habitual homília, explicando e comentando o Evangelho do dia. Foi também o celebrante que, no fim do santo sacrifício, deu a bênção aos doentes e a todo o povo.

As confissões e comunhões foram muito numerosas.

Os doentes inscritos no Pôsto das verificações médicas eram 26.

Terminada a última procissão de Nossa Senhora para a sua capelinha e cantado o «Adeus», o povo começou logo a retirar para as suas terras, a fim de não ser surpreendido pela noite durante a jornada de regresso. Visconde de Montelo

O doloroso espectáculo das almas que vivem longe de Deus (ou porque O não conhecem ou porque O não amam e O ofendem) é razão forte para que nos alistemos todos nas fileiras da Acção Católica. A nossa fé não pode deixar-nos indiferentes perante o mal dos nossos irmãos. É tesouro precioso que devemos procurar reparar com largueza. A nossa caridade, pronta e generosa, tem de atender às necessidades daqueles que não crêem nem amam. Se não suceder assim, temos de concluir que a nossa fé não é sincera; que à nossa caridade falta espírito sobrenatural.

Isto é claro como a luz do sol.

Todavia, a confirmá-lo, há as determinações da Igreja, que nos são transmitidas pela palavra autorizada dos Papas e dos Bispos.

Na sua Carta ao Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, Sua Santidade Pio XI ensina «que o apostolado é, realmente, um dever necessário à vida cristã».

É logo acrescenta «que, entre as múltiplas formas de apostolado que estão à mão de todos, e certamente beneméritas todas elas da Igreja, a Acção Católica é a que mais apta e eficazmente ocorre e remedeia as novas necessidades dos nossos tempos, tão afligidos pela mortífera influência do laicismo».

Por isso o glorioso Pontífice muitas vezes afirmou que a Acção Católica lhe era «tão querida como as pupilas dos olhos», e entendia que ela «deve chegar a toda a parte, onde esteja em causa a glória de Deus, o bem das almas, o discernimento entre o bem e o mal».

Foi êle ainda quem ensinou que «tudo aquilo que se faz ou é descurado a favor ou contra ela, redunda em favor ou contra os direitos invioláveis das consciências e da Igreja».

Dêste modo, faltam às suas obrigações todos aquêles que, podendo exercer o apostolado da Acção Católica, na realidade a contrariam ou se desinteressam das suas necessidades, porque ela, no ensino claro do mesmo grande Pontífice «deve ser considerada pelos pastores sagrados como pertença necessária do seu ministério, e pelos fiéis como um dever da vida cristã».

Não podiam ser mais precisas nem mais terminantes as instruções de Pio XI, que é com razão chamado o Papa da Acção Católica.

Os nossos Bispos, sempre fiéis à voz de Roma, que é, afinal, a própria voz de Deus, organizaram cuidadosamente a Acção Católica Portuguesa, e não lhe têm faltado nem com as suas palavras de estímulo, nem com o seu valioso auxílio.

São pobres as Dioceses de Portugal, mas, na sua pobreza, por mandato de Aquêles que o Espírito Santo pôs à sua frente, encontram sempre maneira de acudir às graves necessidades das almas. Por isso a Acção Católica Portuguesa, a despeito de muita incompreensão e de mil outras dificuldades, continua o seu caminho, cumprindo corajosamente a missão que lhe foi confiada.

Os católicos são soldados da Igreja. Ai dêles, se não quiserem ouvir a voz dos Chefes, que chamam a cerrar fileiras à volta desta bandeira. Serão, afinal, soldados infiéis, que desertam o pôsto que se lhes confia.

A voz da fé, o mandato da caridade, a palavra dos Chefes apelam para a generosidade de todos, a favor da Acção Católica.

Que mais será necessário para que cada um, na medida das suas possibilidades, corra com presteza e com coragem, a ocupar a posição que lhe compete, neste exército de paz e de amor?

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

## XXIII ANIVERSÁRIO DA MORTE DA JACINTA

Para celebrar o 23.º aniversário dos Anjos, em Lisboa, proferiu a morte da Jacinta, a Li-moveu uma sessão solene e tole-ga de Acção Católica da fregue-mou a iniciativa da inauguração



Jacinta Marto, vidente de Fátima

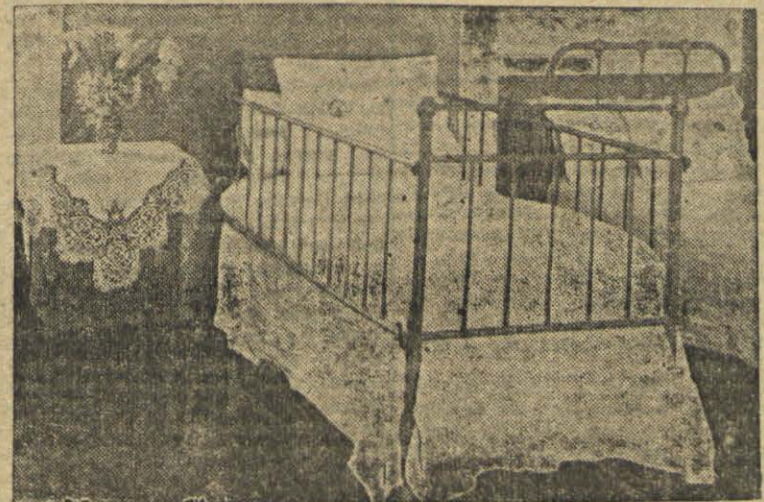
de uma lápide no Hospital de Dr. Valente Pombo, que se referiu D. Estefânia, onde a Jacinta fariu largamente à vida da pequenina vidente e à maneira admirável como ela, apesar da tenra idade, soube cumprir à risca a mensagem que de Nossa Senhora recebera, mensagem de penitência e de oração, mensagem de amor e de reparação.

A sessão realizou-se numa sala de serviço. Presidiu o sr. Bispo de Helenópolis, ladeado, entre outras pessoas, pelo sr. coronel Nepomuceno de Freitas, enfermeiro-mór dos Hospitais Civis de Lisboa, e pelo sr. Cônego João Nunes Ferreira, prior de S. Domingos. Assistência selecta e numerosa.

O sr. D. Manuel Trindade Salgueiro abriu a sessão, acentuando o carácter íntimo dela, e apresentou os oradores.

Falou em primeiro lugar o sr.

(Continua na 2.ª página)



Cama n.º 38, da enfermaria Santa Estefânia, serviço 5, onde morreu Jacinta





